

## ORGANIZAÇÃO DO ACERVO DIGITAL E FÍSICO DO CLUBE CULTURAL FICA AHÍ PRA IR DIZENDO

ÁLISSON BARCELLOS BALHEGO<sup>1</sup>; ROSANE APARECIDA RUBERT<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [alissonbarcellos@hotmail.com](mailto:alissonbarcellos@hotmail.com) 1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [rosru@uol.com.br](mailto:rosru@uol.com.br) 2

### 1. INTRODUÇÃO

O presente texto pretende apresentar os trabalhos desenvolvidos por meio do Projeto de Extensão “Assessoria ao Clube Social Negro Fica Ahí Pra Ir Dizendo no seu Processo de Transformação em Centro de Cultura Afro-Brasileira”, por meio deste venho me envolvendo nos cuidados do acervo do Clube Cultural Fica Ahí o qual foi criado em 1921 com cordão carnavalesco, alcançando seu estatuto de clube na década de 1950, ocasião em que foi construída a sua sede própria, na qual desenvolve suas atividades sociais até os dias de hoje.

Os clubes negros de Pelotas, como também os de outras localidades, foram criados diante de uma necessidade de organização de grupos que eram e ainda são tratados de forma discriminatória, não só no estado do Rio Grande do Sul como no Brasil todo. O momento em questão (recém pós-abolição) tem peculiaridade por ser a transição de um modelo pré-capitalista para o capitalista, sendo assim, ocorre a continuidade da forte exploração e discriminação racial, mas em facetas diferentes. É nesse contexto que os clubes são erguidos, não só levando em conta um caráter de lazer, mas também de organização para a luta contra a desigualdade e o racismo.

O cuidado com esses espaços passa pela manutenção de um sentimento de cidadania, pois esses locais têm como característica a luta por direitos. Foram nesses espaços que o engajamento político foi trabalhado de diversas formas. Manter a vida desses locais agrega a população o conhecimento de um contexto anterior e de grandes dificuldades. Para o jovem é importante entender como se deu a luta dos seus, para então estabelecer um melhor entendimento do presente, pois esses espaços contribuem para a identificação do indivíduo como explana Escobar:

O patrimônio cultural contribui para o processo de identificação na medida em que permite que conheçamos os quadros de referência do passado, percebendo as semelhanças e diferenças na paisagem cultural, constantemente transformada. A preservação do patrimônio cultural está, pois, associada à cidadania, condição primeira para a transformação social. (ESCOBAR, 2010, p79.)

A preservação dos clubes sociais negros como patrimônio passou a ocorrer a partir da década de 1990, com o surgimento do movimento clubista, por meio do qual houveram levantamentos sobre quais clubes ainda existiam no Rio Grande do Sul e no Brasil, e se passou a exigir do Estado brasileiro medidas de salvaguarda. Foi então que o Clube Fica Ahí acolheu um Ponto de Cultura e passou a tratar o seu acervo de documentos, trabalho que tem continuidade hoje por meio do protejo citado.

## 2. METODOLOGIA

O trabalho com a documentação de um clube social negro é de grande importância para a manutenção da memória negra da cidade. A política de branqueamento é uma característica forte do estado do Rio Grande do Sul e não seria diferente em um município como Pelotas. Sendo assim, o tratamento de toda a documentação histórica que os clubes detêm agrega um teor de resistência perante a sociedade.

A lida no acervo do clube consiste em fazer a digitalização de fichas, convites, limpeza e retirada de grampos, organização das mesmas, acondicionamento da documentação e por fim uma parte mais organizativa que levam em conta a sistematização do inventário. Todo esse trabalho está sendo feito a partir de um regime de continuidade, pois o projeto já tem alguns anos de existência.

Atualmente cerca de oitocentas e uma fichas de sócios foram tratadas, posteriormente o processo chegou avançou para documentos referentes a correspondência do clube. Com um total de mil e cinquenta e sete documentos inventariados. E vale frisar que o trabalho com esse tipo de documento pode expor todo um cenário de relações, mas lidar com um arquivo desgastado pelo tempo requer muita atenção e cuidado.

Muitas vezes arquivos como os observados no Clube Fica Ahí passam despercebidos por um olhar leigo, que não atenta para o leque de possibilidades ali exposto, afinal, a partir de documentações como essas se pode observar muito das relações do clube, por exemplo, com vários segmentos da sociedade. Assim como lembra, Olívia Maria Gomes da Cunha:

Papéis transformados em documentos mantidos em arquivos institucionais revelavam muito mais do que vicissitudes biográficas; revelavam vínculos profissionais, intelectuais e relações de poder de natureza diversa. (CUNHA, 2004, P, 296)

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os Clubes são pontos de memória, locais de um patrimônio material e imaterial, pois não se trata apenas de um prédio, mas de atividades que corroboram para a manutenção de uma tradição afro. Assim como evidencia Escobar:

Os Clubes Sociais Negros são “meios de memória” e são “lugares de memória” por sua importância material e imaterial. São espaços que fazem lembrar e esquecer determinados valores, práticas, rituais, dinâmicas que a cada dia se desaparecem como se realmente não se tivesse mais capacidade de guardar esta memória nestes lugares, que aos poucos vão sendo levados ao sabor do vento, com sérios riscos de desaparecer. (ESCOBAR, 2010)

Outro ponto a destacar é o potencial interno desses espaços, que é de grande valia, pois a documentação existente nos arquivos do clube aponta para sua interação na sociedade. Para tanto, o arquivo acomoda objetos que produzem conhecimentos, chamam a atenção não só de historiadores, mas também de antropólogos. Por serem documentos, elementos com vestígios históricos a partir dos quais podem ser desenvolvidas novas óticas para conhecimentos estabelecidos. Até porque, como expõe Cunha:

Nos últimos anos, além de historiadores e arquivistas, antropólogos têm se voltado para os arquivos como objeto de interesse, vistos como produtores de conhecimentos. Não preservam segredos, vestígios, eventos e passados, mas abrigam marcas e inscrições a partir das quais devem ser eles próprios interpretados. Sinalizam, portanto, temporalidades múltiplas inscritas em eventos e estruturas sociais transformados em narrativas subsumidas à cronologia da história por meio de artifícios classificatórios. (CUNHA, 2004, p. 292.)

Ao mesmo tempo, a riqueza desses locais perpassa sua essência. No século XIX os negros organizavam redes associativas que incluíam diversos setores como teatro, clubes, federação futebolística e escolas, assim auxiliando na incorporação de seus membros na sociedade. Mas com o avançar do tempo, essa característica muda e os clubes passam a propiciar opções de recreação e sociabilidade. Como indica Gil e Loner:

Como forma de reação, os negros pelotenses formaram uma completa rede associativa, que incluía clubes recreativos, teatrais, carnavalescos, futebolísticos (clubes e federação de futebol) entidades mutualistas, de assistência às crianças e de representação, as quais auxiliavam na integração de seus membros na sociedade, em termos de construção de relacionamentos, amizades, relações de compadrio e, obviamente, de oportunidades de emprego e casamento. A rede associativa começou a se desenvolver ainda no período escravista, se consolidando e diversificando nas primeiras décadas da República. Entretanto, por volta de 1915-1920, evoluindo mais rapidamente nas duas décadas seguintes, houve uma reorientação das entidades, que abandonaram seu caráter de representação, o mutualismo e os objetivos educacionais, para dedicarem-se principalmente às questões de sociabilidade e recreação. (GIL; LONER, 2009, p. 147)

#### 4. CONCLUSÕES

A conservação da memória negra em Pelotas está diretamente ligada a um contexto de negação imposto pela sociedade. Negar a presença de negros e negros é uma constante nessa localidade. Não obstante, a região concentra um grande número de pessoas negras alocadas nas regiões periféricas da cidade, muito em razão dessa conjuntura.

A resistência negra perpassar por esses locais de memória patrimonial e imaterial, pois existem os prédios identificados com a causa negra e a perpetuação de elementos culturais da tradição afro. Os clubes são uma amostra da organização negra em contexto que varia entre pré-apolição e após abolição, mas que tem a peculiaridade de entregar a uma minoria um espaço seu.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ESCOBAR, G. V. **Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial**. 2010. Dissertação (Mestrado em Patrimônio cultural) – Curso de Pós-graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria.
- CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. **Revista Mana**, v. 10, n. 2, p. 287-322, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v10n2/25162.pdf>>. Acesso em 20 Jun, 2016.
- LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida. Clubes carnavalescos negros de Pelotas. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 35, n.1, p.143-162, 2009.

SILVA, F. O. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Ibéricas e Americanas) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.